



XI Seminário Discente do PPGLit

Pesquisa Acadêmica em Literatura e suas Metamorfoses

9 a 13 de dezembro de 2024 / UFSC

Caderno de Resumos

Segunda-feira (9/12)

Mesa 1: 8h30-10h — Online

<https://meet.jit.si/MESA1-XISemin%C3%A1rioDiscentedoPPGLit>

- Da visibilidade do século XXI ao apagamento do século XIX: como cheguei à Ignez Sabino

Andressa Almeida Nunes

Estudar na UFSC sempre foi um sonho. Ao iniciar minha trajetória no PPGLIT, meu interesse inicial se voltou para a obra *Carta à rainha louca*, de Maria Valéria Rezende. A partir dessa obra contemporânea (2019), buscava estabelecer um diálogo com o passado. Maria Valéria Rezende, reconhecida por seu estilo singular e por seu olhar aguçado sobre a história, despertou meu interesse pela forma de narrar o ontem a partir do hoje. No entanto, percebi que algo ainda estava deslocado, como se faltasse uma peça essencial para a coesão da pesquisa. Meu interesse sempre esteve concentrado nas mulheres: aquelas que escreveram, publicaram e pesquisaram. Embora meu projeto inicial girasse em torno desse tema, parecia faltar algo essencial – talvez força, talvez profundidade ou, quem sabe, um componente fundamental: a paixão pelo objeto de estudo, que acendesse em mim o desejo de (re)descobertas. Esse entusiasmo surgiu de forma intensa ao cursar, pela primeira vez, entre outras que viriam, a disciplina sobre escritoras brasileiras do século XIX, ministrada pela professora Rosana de Cássia dos Santos. Encontrei, enfim, o objeto de pesquisa que buscava. Tornou-se imprescindível explorar a produção das escritoras do século XIX, em particular de Ignez Sabino. Todos aqueles nomes e o trabalho cuidadoso e intelectual realizado pela saudosa professora e pesquisadora Zahidé Lupinacci Muzart e sua Editora Mulheres, despertaram em mim um apreço e uma admiração profunda, tornando-se eixo da minha investigação acadêmica. Esse percurso só se tornou viável graças à orientação da professora Tânia Regina Oliveira Ramos, que contribuiu de forma decisiva para o refinamento do meu novo direcionamento de pesquisa. Com abertura e sensibilidade, ela acolheu minhas ideias, incentivando o surgimento de outras possibilidades investigativas. Percorri muitos caminhos e me transformei em diversas etapas. Agora, encontro o acolhimento essencial

para todo pesquisador: a oportunidade de escrever em serenidade.

Palavras-chave: Transformação. Escritoras brasileira do século XIX. Pesquisa acadêmica.

- Memórias de um naufrago na ilha: do aluno/professor ao professor/aluno e agora?

Caio Ricardo de Bona Moreira (egresso)

Rememorar o período formativo na pós-graduação em Literatura na UFSC e avaliar o percurso pós-pós, pensando em minha atuação na Universidade Estadual do Paraná, é uma forma não necessariamente de reencontrar o tempo perdido, mas de lançar o presente em direção a uma origem, para pensá-la como inacabada e fonte, portanto, do permanente desassossego que acompanha o exercício constante de vir a ser professor/pesquisador. No meio do caminho, as encruzilhadas e suas veredas a nos oferecerem os impasses cotidianos: parar, fazer uma greve, desistir, ou dobrar uma esquina e seguir caminhando? Relembrar o aluno/professor que fui para imaginar o professor/aluno que ainda desejo ser é o que me move aqui. Considerando as expectativas e os anseios da atuação no âmbito da escrita, da pesquisa, do ensino e da extensão, projeta-se, acima de tudo, o desejo de refazer o caminho de volta para poder ainda, quem sabe, inventar um novo começo. Cabe, então, pensar a atuação como permanente metamorfose, ou seja, como “coexistência paradoxal dos possíveis mais afastados em uma única e mesma vida”, como escreveu Emanuele Coccia.

Palavras-chave: Percurso formativo. Docência. Metamorfoses.

- O corpo quando deslocado: a perda da terceira perna

Helena Bressan Carminati

Mas afinal, o que seria o corpo? Quase tudo passa ou passará por ele e talvez seja ele o que de mais próximo se poderia chegar de uma noção de começo, e porquê não, de fim. É na companhia dele, que minha tese acontece, e é sobre ele que se trata. Um corpo físico de matéria e um corpo simbólico de palavras, um corpo que se vê, um corpo que se escuta, um corpo limiar que é um meio sensível entre o que está dentro e o que está fora. Corpos como “Lugares de existência”, assim escreve Jean-Luc Nancy (2001). É pensando nos corpos femininos das personagens que leio e analiso, Ida e Macabéa, dos romances "La Storia" e "A hora da estrela", das escritoras Elsa Morante e Clarice Lispector, respectivamente, que traço um paralelo com o meu próprio corpo também de mulher e pesquisadora, que se desloca para um outro país, sofrendo transformações. Assumindo e vivendo em uma condição de deslocamento, pareço agora me aproximar um pouco mais das personagens que estudo. Minha proposta de comunicação, portanto, é abrir um espaço de tempo em meio a esses meses no exterior, e poder refletir sobre esses corpos deslocados, imigrantes, que parecem atravessar de forma marcante a minha própria subjetividade enquanto pesquisadora, como se estando longe, eu perdesse a terceira perna da qual fala Clarice em "A paixão segundo G.H.". A partir, então, da mistura entre vida e pesquisa, pensarei esse percurso de pesquisa no estrangeiro.

Palavras-chave: Literatura. Corpo. Deslocamento.

- Outra vez: Dalton com Mansfield

Katherine Funke (egressa/mediadora)

Nesta comunicação, apresentarei um resumo da minha tese de doutorado, "Erra outra vez:

Dalton Trevisan com Katherine Mansfield". Apoiada com bolsa Capes DS, a pesquisa levou cinco anos até a defesa, realizada em março de 2024. Ao invés de abordar o escritor curitibano como um ser isolado, a tese propõe pensá-lo como um escritor que faz comunidade com outros escritores, por meio de recursos como paródia, pastiche, mimese, alusão e citação. Com Mansfield, Dalton realiza ao menos 13 encontros, alguns deles muito discretos (para quem não conhece a obra da neozelandesa), em contos publicados entre 1947 e 2023. Falarei também de possíveis desdobramentos e continuidades da pesquisa.

Palavras-chave: Dalton Trevisan. Katherine Mansfield. Comunidade.

Mesa 2: 10h30-12h — Online

<https://meet.jit.si/MESA2-XISemin%C3%A1rioDiscentedoPPGLit>

- No vestígio: uma arte indígena a partir da cesta

Alessandra Guterres Deifeld

O vestígio da cesta, trançada a partir de materiais orgânicos que se decompõem e não deixam resíduos anexáveis à linearidade histórica, é a memória; é pela memória – corpórea e extracorpórea – que a cesta se refaz. Tendo a cesta como artifício-argumento que dá linha para a narrativa, essa comunicação pretende tatear limites ou fronteiras disso que vem sendo enunciado sob o signo de arte indígena a partir do que é – ou pode ser – compreendido como arte pelos povos indígenas do tronco Tupi. A relação entre memória e cesta é o que define os limites dessa especulação. A cesta aqui invocada como truque de visibilidade e sobrevivência que, à medida em que guarda algo, materializa o invisível, é Guarani. A relação entre memória e cesta ensina que antes do percurso pretendido, há o percurso necessário, o que ficou evidente também no processo de elaboração da minha tese. No percurso da tese, sustentar algumas das tensões em torno da ideia de arte se mostrou anterior a pensar as elaborações de artistas indígenas e as narrativas reivindicadas no limiar de arte e palavra (Eshell, 2018). Nessa comunicação que se inscreve entre o visceral, a encantaria, a especulação e o contracolonial (Santos, 2023), a decomposição da cesta que mantém a memória em dança é atrelada à desterritorialização das artistas indígenas do tronco Tupi, que utilizam a arte como estratégia de vida para enfrentamento da morte e dispositivo narrativo de suas memórias.

Palavras-chave: Arte indígena. Cesta. Memória.

- Um paralelismo: a coautoria enquanto amizade

Luciéle Bernardi de Souza

Esta reflexão faz parte de minha tese, ainda em processo, na qual relaciono o legado da modernidade na concepção de autoria literária enquanto (unicamente) individual e o silêncio relativo às práticas coautoria na Teoria Literária. No intuito de viabilizar tal discussão, pensaremos sobre a aproximação entre amizade e coautoria, não realizando um recorrido exaustivo sobre o conceito, que tem sua história (ocidentalmente) marcada, mas nos orientaremos pelo caminho já trilhado por Foucault (2004; 1981), Arendt (1993), Ortega (1999, 2000, 2002), Derrida (1997) e Passetti (2003), tendo em vista o corpus literário em estudo. A amizade da qual falamos ultrapassa categorizações e figurações de amizade no sentido “comum”, “cotidiano” do termo ou mesmo como “assunto” nos livros. Ou seja, para além de os/as

autores/as serem ou não amigos/as, a relação que se estabelece em cada coautoria já seria por si uma relação de amizade enquanto dispositivo teórico. Se se unir é tendência estética, mas também política, a relação de criação com e entre pode ser potência fundamentada na prática da liberdade e da alteridade, contraposta a autoritarismos.

Palavras-chave: Coautoria. Amizade. Literatura contemporânea.

- A geofagia como metamorfose nas obras de Dolores Reyes

Thaís Artigas dos Santos (mediadora)

Interessa-me, nesta comunicação, pensar o entrelaçamento de violência, terra e memória nas obras contemporâneas *Cometerra* (2022) e *Miséria* (2024) de Dolores Reyes. As narrativas retratam uma menina que passa a saber o destino de pessoas desaparecidas ou mortas ao ingerir a terra em que essas pessoas estiveram. Ou seja, a metamorfose aqui se dá não através do corpo como matéria viva, que se transforma, mas sim em uma reconciliação da protagonista com a sua própria identidade como bruxa, clarividente e comedora de terra, ao entender que seus dons aparecem como peça-chave na busca por corpos em um contexto de violência expressiva, em que algumas pessoas estão destinadas à morte para que o poder soberano grave nelas suas marcas (Segato, 2013). Aproximando o conceito do pesquisador historiador (Benjamin, 1985), que, como arqueólogo, procura debaixo da terra pelo que escapa à versão dominante da história, ao conceito de corpo-território (Gago, 2020) que pensa o corpo como continuidade epistêmica do território, busco refletir sobre as relações entre corpo, território e memória. Ainda, partindo de sua clarividência, investigarei como esses dons são apresentados ficcionalmente nas obras como um tipo de metamorfose contínua que alguns corpos à margem elaboram para sobreviver à violência intermeada no tecido social.

Palavras-chave: Geofagia. Memória e arquivo. Violência.

Mesa 3: 14h-15h30 — Online

<https://meet.jit.si/MESA3-XISemin%C3%A1rioDiscentedoPPGLit>

- História de vida de avós: uma perspectiva transdisciplinar

Claudia Luana Cogo

Em minha pesquisa de dissertação de mestrado tenho como objetivo registrar e descortinar histórias, memórias e tradições de mulheres trabalhadoras rurais do sudoeste do Paraná. Para alcançar tal objetivo empenhei-me em construir, a partir da história oral, as histórias de vida de minhas avós. Pretendi também contribuir com a ampliação do conhecimento do itinerário de diferentes personagens, especificamente de mulheres trabalhadoras do campo, e explorar, nas histórias de vida das minhas avós, temáticas fundamentais aos estudos de gênero, como o casamento e a maternidade, o trabalho doméstico e rural e o cuidado e a velhice. A partir de uma perspectiva transdisciplinar que considera literatura, história e antropologia apresento formas de elaborar uma memória e uma história sobre o passado de pessoas comuns focalizando a subjetividade e o caráter ficcional perceptíveis na História, que são comumente negados, borrando, assim, seus limites com a literatura. Além disso, o caráter pessoal e afetivo que envolve a pesquisa com familiares possibilita revelar como as subjetividades operam em nossas pesquisas acadêmicas e científicas, alterando-as, ao mesmo tempo em que sofremos nós mesmos

transformações ao longo do processo de pesquisa. Por fim, destaco a importância desse tipo de pesquisa para a construção de uma historiografia inclusiva, focada em experiências subjetivas e de caráter pessoal e privado que até pouco tempo não eram consideradas como fontes históricas. Palavras-chave: Literatura. Memória. História.

- Entre fios, travessias e memórias coloniais africanas em *Seu Cabelo*, de Djaimilia de Almeida

Jandira Francisco Domingo

O romance pós-colonial *Esse Cabelo*, publicado em 2015, da escritora afrodescendente Djaimilia Pereira de Almeida, se constrói por meio dos fios de cabelo crespo de Mila, uma jovem negra afro-diaspórica, que vê o seu cabelo como um espaço de memória, no qual reflete a sua origem e interioridade negra- africana a partir da sociedade portuguesa, marcada pelos silenciamentos da violência colonial e do processo das travessias no atlântico negro. Uma história desenhada e lida sempre no enforque da conquista do povo “civilizador”. Como lugar de memória, o “cabelo é a pessoa”, então traz a representação e configuração do corpo da mulher negra afrodescendente, que se constitui a partir dessas memórias transatlânticas. Essa narrativa cruza a história de Angola, onde a Mila nasceu, e Portugal, onde ela cresceu e reside desde tenra idade. Dentro dessa perspectiva, este trabalho se propõe analisar a relação histórica entre esses dois países, observando as travessias e memórias coloniais destacadas no romance, as quais são teorizadas nos fios de cabelo crespo da protagonista. Pois é uma obra literária que revisita as arbitrariedades do processo colonial de quatro gerações de angolanos anteriores ao nascimento de Mila, principalmente de mulheres negras angolanas, que não tiveram o privilégio de contar suas histórias e memórias vividas durante o colonialismo em Angola. Segundo Hartman (2008), a memória é um lugar de produção de conhecimento que confronta a violência colonial racista, o legado do processo colonial e escravista. Portanto, *Esse Cabelo* confronta esse processo escravocrata e racista. Isto é umas das formas de confrontar o legado colonial, que persiste até os dias atuais, manifestada por meio de várias desigualdades.

Palavras-chaves: Memória

- Cartografias em Trânsito

Maria Isabel Teixeira Brisolara (mediadora)

O objetivo deste trabalho é, a partir da leitura e estudo do volume 3 da antologia "Volta para a tua terra: não há abril sem imigrantes", discutir como a presença de populações advindas de movimentos migratórios rasura os pilares nacionalistas existentes no ressurgimento de uma ultradireita portuguesa. Nesse sentido, o que será apresentado é como algumas dessas narrativas e poemas desse volume trazem o entrelugar da língua dos imigrantes; os impactos sofridos corporalmente por quem produz essas literaturas; a importância das publicações coletivas como forma de resistência dentro de um mercado editorial elitista e esse espaço literário como um meio de denúncia das violências cotidianas vividas. Entre o nacionalismo exacerbado daqueles que se consideram no direito de viverem em Portugal e a presença dos imigrantes, a intenção aqui é analisar a capacidade metamórfica dessas produções literárias que desestabilizam os ideários fascistas e nacionalistas através de uma história que corre ao lado, que é contada de uma outra forma e que busca não só relatar diferentes vivências de exclusão, mas também metodologicamente se pensa como um lugar que traz consigo a necessidade de incluir quem lê às suas reflexões, quase como em uma proposta de convocação. Esta apresentação é parte do

resultado do plano de estudos traçado pela palestrante em questão na sua pesquisa de doutorado sanduíche em Lisboa.

Palavras-chave: imigrantes. Nacionalismo. Entrelugar.

- Entre a leitura e a escrita: processos criativos na literatura de autoria negra feita por mulheres

Silvana Martins

A ideia dessa apresentação é discutir os processos de escrita realizadas por mulheres negras, tentando compreender como, tanto a experiência de leitura, quanto a de escrita podem ativar o processo criativo de cada escritora. Uma das bases de dados que será analisada são entrevistas realizadas com algumas escritoras de literatura de autoria negra da atualidade, para a partir dessas entrevistas conhecer o universo literário de cada autora, e assim, tentar compreender se existe um diferencial na escrita feita por essas mulheres, observando a subjetividade negra, as temáticas abordadas e as questões de estilo relacionadas a escrita. Utilizaremos o conceito de Conceição Evaristo de *Escrevivência* (2022) e o relacionaremos com a discussão da autora Djaimilia Pereira de Almeida (2023) sobre a questão da possibilidade da escrita realizada por mulheres negras no início dos anos 2000. A existência de uma literatura feita por mulheres negras perpassa critérios de tempo, espaço e autoria que não podem ser ignoradas, muitos escritos realizados antes dos anos 2000 e ainda hoje carregam o estigma de serem uma literatura “menor” (Deleuze & Guattari, 1975), com o intuito de discutir essas literatura pretendo criar uma linha do tempo para entender como essa arte se manteve durante muitos anos, fora do panorama literário, percebendo quais foram os processos de consolidação dessas escritoras e quais ainda permanecem em um discurso paralelo, no qual só são vistas ou estudadas quando relacionadas a questão racial., deixando em segundo plano a análise de sua obra.

Palavras-chaves: Mulheres Negras. Processos Criativos. *Escrevivência*.

17h30-20h — Sala Machado de Assis (CCE, Bloco B)

Mesa de abertura do Seminário

Joca Wolff e Tiago Pinheiro (Coordenação PPGLit)

- Simbioses e metamorfoses: corpos em transformAÇÕES poéticas e políticas

Prof^a. Dr^a. Eleonora Frenkel (UFSC)

Terça-feira (10/12)

Mesa 4 (Egressos): 10h30-12h — Sala Machado de Assis (CCE, Bloco B)

- Estética e política no ensino, pesquisa e extensão de graduação e pós-graduação em universidade privada

Ana Carolina Cernicchiaro

- O impossível da educação e alguns modos de partilha

Elisa Tonon

Ensinar língua e literatura é um trabalho impossível, que desperta inquietações incessantes. Esta fala pretende compartilhar algo das dúvidas e das reflexões recorrentes que acompanham meu fazer cotidiano como docente no Instituto Federal de Santa Catarina.

Palavras-chave: Educação técnica. Ensino integrado. Formação de leitores. Literatura.

- Literatura-escola: experiências (dos) possíveis

George França

A discussão sobre ensino de literatura ocupa um lugar algo marginal(izado) no campo dos estudos literários, o que repercute fortemente na formação dos graduandos e dos pós-graduandos para o trabalho em sala de aula na educação básica, bem como a própria visualização dessa carreira como uma possibilidade. Afinal de contas, pode-se ensinar literatura? O que se ensina quando se trata do componente curricular "literatura" no Ensino Fundamental e no Ensino Médio na escola? Que mudanças de paradigmas novas legislações e as mudanças culturais que afetam as novas gerações de estudantes têm colocado como desafio para professores que chegam à sala de aula na educação básica para trabalhar com textos literários? Que lugar ainda é possível para a literatura no chamado "campo artístico-literário" em que documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular a puseram? Como pensar a literatura em sala de aula como texto vivo, com o qual se produz sentidos e a partir do qual se afirma a possibilidade da criação? Pretendo discutir algumas destas questões a partir das experiências que, como egresso da Pós-Graduação em Literatura da UFSC, tenho desenvolvido no Colégio de Aplicação da mesma instituição.

- Pensar uma poética do cinema kuikuro: processos e percursos

Sabrina Alvernaz

Este trabalho se dedica ao estudo da poética audiovisual proposta por Takumã Kuikuro, integrante do povo Kuikuro, que se estabelece no Alto Xingu, Terra Indígena do Xingu, no Mato Grosso. A presente reflexão busca contribuir para maior visibilidade das produções cinematográficas de um povo originário do Brasil, o povo Kuikuro, bem como ampliar a compreensão acerca desta linguagem audiovisual. Neste sentido, parte-se da ideia de que a maneira de conceber e de criar um cinema indígena passa por dinâmicas próprias ligadas à cosmovisão kuikuro e ao contexto sócio-histórico que as enquadra. Por isso, interessa descrever como as imaginações conceituais kuikuro comparecem nos filmes, tanto por meio da linguagem cinematográfica como por meio do encontro entre alteridades que os filmes abrem, de modo a discutir como essa linguagem audiovisual funciona estética e politicamente. O debate se desdobra a partir dos filmes "Agahü: o sal do Xingu" (2020, 1 min), "Ele Londres – Londres como uma Aldeia" (2016, 20 min), "Karioka" (2015, 20 min), "Itão Kuegü: As Hiper Mulheres" (2011, 80

min) e Nguné Elü – O dia em que a lua menstruou” (2004, 28 min). Por fim, serão compartilhados processos e percursos de como a presente pesquisa se desenvolveu ao longo de seis anos.

Palavras-chave: Cinema kuikuro. Linguagem audiovisual indígena. Poética.

Mediação: **Marina dos Santos Ferreira**

Mesa 5: 14h-15h30 — Sala Machado de Assis (CCE, Bloco B)

- Comissão de Autoavaliação do PPGLit

André Fiorussi (docente)

André Zacchi (egresso)

Luan Koroll (doutorando)

Patrícia Peterle (docente)

A Comissão de Autoavaliação do PPGLit, em consonância com o Projeto de Desenvolvimento Institucional da Universidade (PDI/UFSC) e com os critérios e parâmetros da Avaliação Quadrienal da CAPES, tem como objetivo maior identificar e analisar os pontos fortes e fracos do programa para o aprimoramento da excelência acadêmica na área de Letras. Instituída em 2024, a comissão tem atuado em diferentes frentes: estudo da literatura a respeito dos processos de autoavaliação, elaboração de um projeto permanente de autoavaliação, apreciação das avaliações quadrienais anteriores, coleta de dados atualizados, análise da produção intelectual do último quadriênio e preparação de seminários de autoavaliação. A apresentação aqui proposta pretende exibir os resultados parciais dos trabalhos da comissão e indicar encaminhamentos para as questões levantadas.

Mesa 6 (Egressos): 16h-17h30 — Sala Machado de Assis (CCE, Bloco B)

- A Imagem em Primeiro Plano Epstein, fotogenia, eugenia

Demétrio Panarotto

A Imagem em Primeiro Plano - Epstein, fotogenia, eugenia é um ensaio que se movimenta a partir de uma frase extraída do texto "BONJOUR CINÉMA – Excertos", acerca da fotogenia, de Jean Epstein. O cineasta franco-polaco se pergunta sobre o tempo de duração de uma imagem tendo em vista o que, à década de 20 do século XX, era pensado como fotogênico. Com Epstein, é possível acompanhar as mudanças de enquadramento, o surgimento do close e a necessidade de se criar uma estrutura de montagem mais dinâmica. A partir disso, o ensaio cria diálogos com Walter Benjamin, Susan Buck-Morss e avança em questões do contemporâneo lidas a partir de Valêncio Xavier e Albert Camus. A hipótese sugerida é a de que a concepção de fotogenia, pensada dentro dos parâmetros do cinema, desdobra-se hoje em dia numa eugenia que tende a excluir o caráter narrativo da imagem. A discussão ganha relevo quando imaginamos que parte dessas interrogações perpassa a própria universidade, ou seja, o modo como o meio acadêmico acaba por, em sua ânsia crítica, reproduzir aquilo que já foi definido pelo mercado (editorial,

cinematográfico e financeiro).

Palavras-chave: Epstein. Cinema. Literatura. Fotogenia. Eugenia.

- O bicho-da-seda: um voo, um mergulho

Leonardo D'Ávila

Esta apresentação realizará uma retrospectiva de algumas de nossas vivências como estudante da UFSC, relacionando-as com novas ações de pesquisa junto a diversas agências de fomento, com a docência e, mais recentemente, com a editoração independente. Para tal, relacionaremos problemas de pesquisa que ainda permanecem (in)operantes, tais como as tensas relações entre religiosidade e literatura, letra e poder ou espiritualidade e ciência. A figuração do bicho-da-seda, de Teresa de Ávila a Cecília Meirelles, que motivou o desabrochar da tese, será o fio condutor de toda a exposição, a fim de tecer novos conceitos e novas metamorfoses relacionados à pesquisa acadêmica na atualidade. Esse inseto, que abre um poema de Cecília na revista Festa em 1927, opõe um movimento de interioridade por parte de um casulo que não eclode, mas que suscita tais perguntas: trata-se de mística ou de iniciação? Trata-se de uma metamorfose imanente ou transcendente? Essas ambivalências da vida e da morte, embora irresolúveis, certamente comprovam a continuidade de uma tradição platônica minoritária digna de nota dentro do pensamento das metamorfoses, bem como pode suscitar reflexões acerca das mudanças pelas quais pode passar um bicho, um pesquisador, ou até mesmo uma Universidade nos dias atuais.

- Múltiplo erotismo: o corpo desvelado e a linguagem em seu ponto de ebulição

Luciana Tiscoski

Minha trajetória na pós-graduação instigou muitos caminhos de pesquisa, com recorrência ao estudo da escrita poética, erótica e filosófica de Hilda Hilst, sob o embasamento teórico em Georges Bataille. O mestrado rendeu-me a dissertação Os Irmãos de Hilda Hilst: transtextualidade e experiência interior, e o doutorado, a tese O espírito da coisa: narrativas do potlatch de Hilda Hilst. No estágio sanduíche na Université de Nanterre - Paris, pesquisei os manuscritos de Bataille e a simbologia do porco e do unicórnio, as metamorfoses de H.H.. Na literatura e nas temáticas do meu pós-doutorado em Artes Visuais, a metamorfose estava implicada. Após uma breve passagem pela docência no Ensino Médio, lecionando sociologia, filosofia e redação, meu caminho seguiu pela crítica e escrita literária. O erotismo é um tema incontornável, localizando-se num ponto ainda incerto, nas fronteiras da metamorfose dos corpos e das linguagens. Hoje, percorrendo outras maneiras de ver o erotismo, invoco Audre Lorde, que pensa o erótico como a força de um conhecimento genuíno do poder de compartilhamento do gozo, seja ele físico, emocional, psíquico ou intelectual, e um antídoto à raiva, contra o racismo, o machismo e a homofobia. O livro organizado por Eliane Robert Moraes, O Corpo Desvelado – Contos Eróticos Brasileiros (1922-2022), que apresento neste seminário, evoca desde os gregos até o manifesto contrassexual de Paul Preciado, esboçando uma reflexão sobre o que sempre falta dizer do erotismo. Publiquei Área de broca, primeiro livro individual de contos (semifinalista do Prêmio Oceanos 2022), pela Editora Nave. O ensaio Múltiplo erotismo foi publicado no Jornal Rascunho, em junho de 2023.

Mediação: Bianca Tomaselli

Quarta-feira (11/12)

Mesa 7: 8h30-10h — Sala Machado de Assis (CCE, Bloco B)

- Leitura antimanicomial: terror e restos corporais em *Cemitério dos Vivos* e *La vorágine*

João Paulo Zarelli Rocha

O que é uma leitura antimanicomial? Aquela que requer assentar a norma com a infamiliaridade que demanda uma investigação a partir de um corpo cada vez mais adoecido, o corpo discente da pós-graduação a nível mundial. Discute-se em ambos polos, centrais e dependentes, como lidar com as mudanças vertiginosas e não se encantar em delírio com abordagens egóicas e meritocráticas, de dentro do estômago de Beemote, as instituições acadêmicas. Nossa apresentação toca nesta problemática a partir da sócio-história em *Cemitério dos Vivos* e *La vorágine*, extraíndo de leituras neurodiversas e antimanicomiais, como *Alienação e liberdade: textos psiquiátricos* de Franz Fanon, *A decadência da psiquiatria ocidental* de Guido Palomba, índices sobre a subjetivação de corpos medicalizados. A lógica do assentamento é ressignificação decolonial de narrativas unicamente neurotípicas, que instrumentalizam estruturas psiquiátricas através da psicanálise em nome da naturalização das diversidades, justamente o que resulta na exclusão do sujeito posto como paciente tal qual na história da antropologia relegou-se a posição de etnografado e entrevistado aquele que foi excluído na peleira da história. Resta o desafio de não reproduzir biografemas, infamiliarmente, ao ponto de a própria investigação literária ser reduzida à história única autoral que essencializa e confunde quem cria com criatura.

Palavras-chave: Neurodiversidade. Antimanicomial. História da Loucura.

- Pesquisa-experiência: um estudo da não diferenciação em Clarice Lispector
Nycole Mattoso

Meu trabalho consiste numa investigação da experiência estética, que chamo de não diferenciação, provocada pela leitura de contos do livro *Onde estivestes de noite*, de Clarice Lispector. Assim, partindo da experiência, a intenção é investigar como Clarice, nesse caso específico, mobilizou a forma de modo a alcançar esse efeito estético. Ou seja, partindo do caso concreto, os contos selecionados, a intenção é entender de que forma é possível mobilizar a língua, o texto, de modo a provocar essa experiência estética específica, a não diferenciação. Pensamos a experiência estética a partir da filosofia, na medida em que entendemos, com Gabriel Catren (2018), a possibilidade de ultrapassar os limites da experiência humana, ou seja, que é possível, no encontro com o mundo, com a arte, ver o mundo enquanto dotado de subjetividade, ampliando nossa capacidade de percepção. Ainda, recorreremos à concepção de objeto de arte de Luis Miguel Isava (2022) para compreender de que maneira a arte, de modo geral, e a literatura, em particular, conseguem reorganizar a percepção a fim de propiciar vivências que ultrapassam o convencional. Considerando, então, o tipo de experiência estética

que aporte teórico nos propõem, de estranhamento que leva a uma ruptura do modo cotidiano de percepção, entendemos, na leitura dos contos, que Clarice Lispector articula elementos formais e narrativos de modo a possibilitar tal vivência. Por fim, na medida em que o trabalho consiste numa investigação sobre a forma, parece necessário refletir também sobre a forma da pesquisa. Afinal, se na experiência estética forma e conteúdo são indissociáveis, um aspecto sendo fundamental para a realização do outro, concluo ser crucial manter alguma fidelidade a esse modo de ser do meu objeto na realização da pesquisa.

Palavras-chave: Experiência estética. Clarice Lispector. Não diferenciação.

- “Eu abandonava minha organização humana”: animalidade e o indizível em Clarice Lispector

Patrícia Galelli (mediadora)

O pensamento zoopoético como desestabilização do logocentrismo e como indício dos limites da linguagem, a partir da animalidade e das escritas assêmicas, é objeto de estudo desta pesquisa e será desenvolvido a partir de séries de textos literários latino-americanos e de trabalhos artísticos. Para esta comunicação, propõe-se um recorte a partir do primeiro plano de análise, que pensa a animalidade, com remissões a textos de Clarice Lispector (1920-1977), a partir das leituras do reconhecer-se animal em sua humanidade, nas relações da voz narradora e das personagens com animais tão díspares quanto o cavalo, o búfalo, a barata. Nos termos de Silviano Santiago, em Lispector ocorre um “parasitismo recíproco” quando o olhar humano (vozes narrativas, falas de personagens) encontra o olhar não humano: “eu me enxergo animal, eles me enxergam animal, eu enxergo o animal, o animal se enxerga, o animal me enxerga”. Assim, busca-se discutir essas relações e tocar no abismo que elas geram na linguagem, uma vez que Lispector arma uma complexidade maior na relação poética com a animalidade e com as metamorfoses, ao abordar o indizível, o inexpressível.

Palavras-chave: Animalidade. Literatura latino-americana. Clarice Lispector.

- Escrita de si em *Diário do Hospício/O cemitério dos Vivos*: um relato que ecoa em meio à zona do não-ser

Robenylson de Oliveira

O objetivo da pesquisa é promover um percurso teórico sobre a escrita de si, tendo como ponto de partida os estudos sobre o pacto autobiográfico, bem como trazer autores que encontram problemas e entraves na teoria de Lejeune (2008), de modo que visa trazer o conceito de autoficção, inaugurado por Doubrovsky (2014). Além disso, mirar na teoria de Arfuch (2010) sobre o espaço autobiográfico e os motivos que ressuscitaram o autor. Para mais, refletir sobre as formulações de Klinger (2006), com propósito de alargar a compreensão sobre a escrita de si. Outrossim, fazer um levantamento teórico sobre a diferença entre colonialidade e colonialismo, bem como pensar que a colonialidade possui vertentes em diferentes aspectos da vida do colonizado, por conseguinte no ser. Além do que, refletir como a sociedade esteve sob os mandamentos da pedagogia colonial e que esta se deteve a fragmentar a sociedade entre humanos e não humanos. Os não humanos, a partir desse prisma, fazem parte de uma zona, que foi entendida por Fanon (2008) como a zona do não-ser. Por fazer parte da zona do não-ser, as produções latino-americanas sofreram com um processo de silenciamento, em que a validação da produção cultural estava ancorada na produção de sentido da Europa. Lima Barreto (1881-

1922), por sua vez, sofreu com o processo de apagamento de seus escritos, justo por estar inscrito num âmbito negligenciado pela conjuntura colonial. Também, há a intenção de verificar como o trabalho dos intelectuais pós-coloniais é de resgate do silenciamento, no sentido de desfazer a falsa concepção implantada pela modernidade de que a sociedade funciona de maneira homogênea. A partir disso, analisar os textos *Diário do Hospício/O cemitério dos Vivos* (1993) e sua recepção crítica, por meio das reflexões teóricas de Schwarcz (2017); Barbosa (2002); Resende (1993); Sevcenko (1984).

Palavras-chave: Barreto. Escrita de si. Não-ser.

Mesa 8: 10h30-12h — Sala Machado de Assis (CCE, Bloco B)

• *Peer Gynt*: os percursos de um mito

Agnaldo Stein da Silva

O presente trabalho apresenta alguns dos percursos realizados pela personagem do imaginário popular norueguês Peer Gynt. Sua aparição em textos literários nos remete ao segundo volume de "Norske Huldre-Eventyr og Folkesagn" (O Livro dos Contos de Fadas Noruegueses, 1848), coletânea que reúne alguns contos baseados em "causos", contados ao autor norueguês Peter Christen Absjornsen pelo informante Engebret Hougen, durante a viagem realizada pelo autor ao Vale de Gudbrand, em 1842. Também foi a esta região o autor norueguês Henrik Ibsen, caminhando pelos fiordes e conversando com as pessoas do lugar, o que lhe possibilitou conhecer mais sobre a personagem que viria a protagonizar seu poema dramático "Peer Gynt", escrito e publicado em 1867. A obra teve sua primeira montagem em 1876, no teatro de Cristiana (como se chamava a capital norueguesa de Oslo), dirigida por Ludvig Josephson e com composições musicais de Edvard Grieg, que destacaram os aspectos românticos nacionais da obra. Este espetáculo, inclusive, estabeleceu a tendência de se perceber o protagonista como uma espécie de "portador padrão" da identidade norueguesa. A partir do poema dramático de Ibsen, os percursos de Peer Gynt continuaram, seja por meio da montagem minimalista e rica em efeitos tecnológicos do norte-americano Robert Wilson, em 2006, ou da peça dirigida por Antunes Filho, em 1971, que refletia os anseios pela resistência da democracia em plena época de regime militar. Por fim, a personagem tornou-se um ícone de seu país e ao qual os noruegueses gostam de ser associados e comparados, o que averiguamos por meio do prêmio Peer Gynt, concedido anualmente a pessoas que realizam ações dignas de mérito à sociedade norueguesa. Palavras-chave: Peer Gynt. Henrik Ibsen. Cultura popular.

• Arquivos inflamados de uma revista literária

Carlos Speck Pereira

Na reunião do arquivo, a problemática de seus limites entra em cena. Entram em cena também a possibilidade da perda, da destruição, de uma ação arcôntica fatal e inconsequente. Assim como a pulsão de morte, no entanto, há a existência do mal pulsional, daquilo que no arquivo mesmo nasce e corrobora para seu fim. A trajetória do objeto-arquivo revista literária, neste caso, a Revista Brasileira de Poesia (1947-1956, São Paulo), é exemplar nesse aspecto. Aqui, a figura do poeta e do arconte (do tempo?) se unem no mesmo impasse. O elo entre as duas funções não se limita à dupla funcionalidade que cada editor assume em sua vida: o poeta-arconte, essa unidade

desdobrada, é particularmente visível quando a matéria da revista é um projeto discursivo sobre os próprios poetas pelos próprios sujeitos. Aí reside o perigo: a inflamação do arquivo — o espriamento de suas colocações, pronunciamentos, de sua poesia e, por fim, de seus enunciados autorreferentes — também significa sua própria ruína. Inflamação nesse duplo sentido, ou seja, do fogo e de sua metáfora. O material inaugural da revista parte do pressuposto de que uma sensibilidade poética se fixava antes da publicação do periódico; não é incorreto afirmar que a revista surgiu como tentativa de fomentar um debate que já existia numa chave a favor de uma determinada perspectiva discursiva, que visava a fixação de um novo paradigma poético — “tomar o poder”, como disse Patrícia Galvão em relação aos poetas de 45 oriundos do grupo editor no I Congresso de Poesia de São Paulo, em 1948. Não raras são as tensões presentes no periódico, que põem em cena a complexidade de questões poéticas caras para a poesia daqueles poetas novos, como para a poesia moderna como um todo: tradição, ruptura, modernidade. Porém essas tensões se rarefazem na medida em que a revista chega em seu fim. No final do periódico, como se acabasse a possibilidade da cesura da poesia que Giorgio Agamben defende como potência do poema, não há mais espaço para tensionamentos; a revista perde seu sentido, sua cara, suas posições insistentes, para virar um órgão de divulgação de um Clube seletivo de poetas. O desdobramento da revista, que começa na mesa de montagem dela, passa pelo I Congresso Paulista de Poesia e culmina nas edições de livros dos novos poetas de São Paulo pelo Clube de Poesia, é o seu próprio projeto de fim.

Palavras-chave: Revista literária. Revista Brasileira de Poesia. Mal de arquivo.

- Ler as marcas, ler o fantasma

Joaquín Correa (mediador)

Como ler uma biblioteca alheia? Como ler as marcas de leitura? Minha primeira tarefa no Instituto Casa Cléber Teixeira foi fazer o inventário da seção da biblioteca chamada “Literatura Hispânica”. Os livros são limpos, um a um, e em seguida seus dados mais básicos e algumas anotações adicionais são inseridos em um banco de dados, para posteriormente organizá-los em outra biblioteca em ordem alfabética, o que não era observado anteriormente. Cleber não era de marcar livros; o objeto livro parece quase imaculado, apenas seu Ex Libris é o que há de estranho ali. E alguns papezinhos: Cleber lia colocando papeis, poucos, alguns. Que livros estão nessa seção da biblioteca? Quais eram seus interesses, suas recorrências? Pela quantidade, à primeira vista podemos assinalar dois polos: Cervantes, Dom Quixote e o mundo do romance de cavalaria, de um lado, e Octavio Paz, do outro. Tradição e vanguarda, vanguarda e tradição, como foi seu projeto editorial Noa Noa, onde encontramos parte desses polos cristalizados: Armadura, Espada, Cavalo e Fé, seu livro fragmentário, e Pleno Vôo, de Octavio Paz, além do cartaz do poema “Amor.”, de Bartrihari (séc. VII), na tradução do mexicano. Proponho a leitura desta biblioteca como parte da obra de Cleber Teixeira, como parte de sua escrita, como mais um elemento dentro de uma constelação que, por falta de um nome melhor, poderíamos chamar de literatura expandida.

Palavras-chave: Biblioteca. Cleber Teixeira. Literatura expandida.

- Imagens, literatura e levantes

Pedro Henrique Hara Matoso

Ao pensar em literatura atamo-nos frequentemente apenas ao texto literário, apenas às palavras. É curioso, no entanto, como estas palavras nos fazem pensar em imagens, elemento

tratado como não-literário, à exceção de capas e contracapas. Em minha pesquisa, onde trato sobre o conceito de levantes a partir do livro Parque Industrial, de Patrícia Galvão, busco justamente relacionar o texto com imagens que remetem ao tema da revolta, do cansaço, da indignação, do desespero e da esperança. Em um estilo pouco recorrente, minha pesquisa busca alternar texto com imagens que dialoguem com o livro principal. Tem-se como exemplo a foto do menino que se rende após o levante do Beco de Varsóvia, na Segunda Guerra Mundial. Ele levanta os braços e se deixa levar pelas ordens dos soldados. O gesto da criança curiosamente remete a obra de Paul Klee, *Angelus Novus*, produzida anos antes. O desenho é retomado posteriormente por Walter Benjamin em suas teses *Sobre o conceito de história*, para tratar do vendaval do futuro que arrasta do anjo de Klee, assim como o menino do gueto de Varsóvia. Ao relacionar este estudo de imagens com o da literatura, busca-se aprofundar o conceito de levante proposto por Georges Didi-Huberman, em *Levantes* (2017). Pensa-se também no gesto, que perpassa todo o enredo de Parque Industrial, com os punhos fechados ou as bandeiras que se erguem em sinal de protesto. Palavras-chave: Imagens. Levante. Parque Industrial.

Mesa 9: 14h-15h30 — Sala Machado de Assis (CCE, Bloco B)

- Se você jurar – a poesia e o contexto do malandro carioca

Lucas Garcia Nunes

Compreendendo o samba como uma manifestação afro-brasileira e também como um ato de resistência, esta proposta busca provocar uma reflexão a partir da canção "Se você jurar", composta por Ismael Silva e Nilton Bastos, e lançada em janeiro de 1931. Gravada pelos cantores brancos Francisco Alves e Mário Reis. A canção atravessou o tempo e foi regravada por importantes intérpretes da música brasileira ao longo de quase um século, sendo gravada pelo seu próprio compositor - Ismael Silva - somente em 1955. "Se você jurar" faz parte de um conjunto de composições dos malandros do bairro carioca do Estácio que introduziram novos elementos ao samba urbano, como instrumentos de percussão, novas melodias, prolongamento de notas e a reivindicação de espaços urbanos. Essa manifestação ficou conhecida como "samba de sambar", o samba moderno. A experiência dos malandros sambistas, marginalizados e racializados, influenciou diretamente a produção poética do samba nas periferias cariocas, especialmente nas décadas de 1920 e 1930, não apenas no Estácio e no Morro de São Carlos, mas também em áreas como Mangueira, Salgueiro, Favela e bairros suburbanos como Madureira. Assim, esta proposta propõe uma breve análise da poética dos malandros por meio da canção "Se você jurar", considerando os elementos literários e musicais presentes na composição. A análise busca refletir sobre o (con)texto dos compositores do Estácio e a produção intelectual dos sambistas malandros.

Palavras-chave: Poesia. Samba. Malandro.

- Cabral e Marx

Paulo André Costa Portela

Postumamente, a partir de depoimentos de amigos, foi revelado que Karl Marx representou um dos pilares do pensamento de João Cabral de Melo Neto. Essa influência nos conduz à leitura de

sua obra com um novo olhar, a partir do qual poderemos observar em que a poesia do pernambucano foi permeada por essa influência ou simplesmente converge a partir de similar visão de mundo com a de Marx (e também Engels). Ao nos determos nas observações dos alemães sobre literatura, encontramos paralelos possíveis de traçar com as ideias poéticas de Cabral, como a valorização da estética realista e da objetividade, sem descuidar da questão estética. De modo geral em relação à produção de Marx, reflete-se em Cabral também uma grande preocupação a respeito do valor social (e a mensagem correspondente) da literatura, o que, no entanto, não se confunde com intenção política. A política, para ele, constitui, pelo contrário, um objeto de duras críticas. Assim como em Marx e Engels, o que importa, para Cabral, é “dar a ver” a realidade, sem panfletarismo, ou seja, evidenciar o processo histórico real, ainda que equidistante do documento e da narrativa histórica.

Palavras-chave: Cabral. Marx. Poesia.

- **Nuestra parte de noche: O Sobrenatural na Literatura Latino-Americana Contemporânea**

Sérgio Barboza (mediador)

Este trabalho explora como o estranho e o sinistro, conforme problematizados por Mark Fisher, e o “seguir-com-o-incômodo”, proposto por Donna Haraway, manifestam-se na literatura contemporânea latino-americana. Em particular, analisamos *Nuestra parte de noche* (2019), de Mariana Enríquez, para discutir a existência de um possível giro sobrenatural na literatura da região (ARAÚJO, 2023). Nosso foco recai sobre o papel do horror nesses textos, compreendido à luz da máxima de Fisher, segundo a qual a descrição mais gótica do capital é também a mais precisa (FISHER, 2020). A partir dessa perspectiva, buscamos refletir sobre o tecido social contemporâneo, tensionado por narrativas de horror que, ao mesmo tempo em que denunciam as forças que atravessam vivos e mortos, apontam para relações e caminhos alternativos – sejam eles utópicos ou distópicos. Propomos, assim, uma leitura da literatura de horror como uma espécie de *Γοργόνειον* (Gorgonião) – um escudo contra a “feitiçaria capitalista” (STENGERS-PIGNARRE, 2019) – capaz de expor e resistir aos desafios impostos pelo presente.

Palavras-chave: Horror. Literatura latino-americana. Feitiçaria Capitalista.

- **Escrevivência: uma categoria de autopoieses da identidade negra**

Tatiara Pinto

A imagem fundante do termo *escrevivência* é a Mãe Preta, corpo escravizado, cerceado em suas vontades, em sua liberdade de calar, silenciar ou gritar, devia estar em estado de obediência para cumprir mais uma tarefa, a de “contar histórias para adormecer os da casa-grande”, relata Conceição Evaristo. A *escrevivência* se pauta na capacidade de coser com os fios da memória a própria história do presente com os demais vestígios do passado, de ouvir “o secular senso de invisíveis e negros quelóides”, de parar de se olhar no espelho da “efínges de brancos braços”, preservando aspectos da oralidade afrodiáspórica, reiventando novos clãs. Prestes a completar 30 anos a noção de *escrevivência* vem sendo cada vez mais utilizada nas artes contemporâneas, sofrendo metamorfoses mercadológicas, nesta comunicação veremos a importância de demarcar sua origem como uma estratégia emancipatória e de sobrevivência, como uma possível categoria de autopoieses da identidade negra. Tanto no âmbito do sujeito, a criação de si, quanto na possibilidade de ressignificar a identidade nacional, que ainda não reconhece a sua Mãe Preta e a aprisiona no quatinho de empregada, reside a potência da *escrevivência*. Veremos ainda os

desafios da crítica literária diante da disseminação do termo e da literatura negra a partir do prisma afromarxista. O afromarxismo que se mostra como uma postura epistemológica mais que um conceito e “passa a fazer sentido no momento em que os instrumentos da pesquisa acadêmica se tornam empecilhos à emancipação negra no Brasil”.

Palavras-chave: Escrivivência. Identidade. Afromarxismo.

Mesa 10: 16h-17h30 — Sala Machado de Assis (CCE, Bloco B)

- Recolher fragmentos botânicos e poéticos: herbário como metamorfose de pesquisa

Emmanuele Amaral Santos

Os herbários, também conhecidos como o hortus siccus (jardim seco) ou hortus mortuus (jardim morto) (MACHADO; BARBOSA; FELIX; BORGES, 2017), organizam-se a partir do gesto de recolher fragmentos botânicos, secando-os e descrevendo-os em páginas soltas ou cadernos. Trazendo em si um potencial de metamorfose, a partir da preservação/suspensão da vida através da morte (processo de secagem) dos elementos vegetais, o herbário também apreende um desejo de montagem do seu idealizador, assim, aproximando-se das discussões sobre arquivo e pulsão de morte apresentadas por Derrida (1995). Nesse contexto, é possível sobrepor alguns processos que envolvem a pesquisa acadêmica às ações de composição dos herbários, como recolhimento de fragmentos, o recorte e a montagem. Essa sobreposição infere uma nova perspectiva ou postura tanto em relação aos movimentos de pesquisa quanto ao material literário/botânico pesquisado, de modo que, a partir de um aspecto sensorial da noção de vista abrangente (DIDI-HUBERMAN, 2015), o que é visto aproxima-se de seu observador a tal ponto que se torna possível sentir (ou imaginar) o perfume de uma flor seca ou o aroma de um poema sobre manacás. Assim, partindo da experiência de montagem de um herbário elaborado através dos poemas florais de Gilka Machado, a seguinte comunicação propõe-se a discorrer sobre as possibilidades desse arquivo botânico enquanto um gesto metamórfico de pesquisa em literatura, vislumbrando que este proporciona novos vínculos e tensionamentos entre noções de leitura, sensorialidade e arquivo.

Palavras-chave: Poesia. Botânica. Arquivo.

- Assombro, clarão, fragmento: a experiência imediata e a escrita em pedaços

Felipe Moreno

A apresentação pretende contribuir com a discussão a respeito da escrita fragmentária na literatura em sua não convencionalidade, descolamento, estranheza, hibridismo ou amalgama de formas e gêneros, escrita do inclassificável. Considera, portanto, a importância da escrita fragmentária como desdobramento ou cristalização de experiências subjetivas calcadas nas relações com as caminhadas, as contemplações, as paisagens e as experiências estéticas na vida cotidiana. Um convite, enfim, a pensar o fragmento como forma relampejante, fraturada, flutuante. Consequência de uma experiência intempestiva e brusca, com o desembocar de um registro igualmente intempestivo e brusco. Escrita sui generis, crua e, aparentemente, rascunhada, que pouco se descola do ato vivido, mas é, como texto, um deslocamento dos gêneros

convencionais. O assombro experimentado com a fulgura grafada; experiência imediata que, rapidamente, desemboca na escrita imediata. Para isso a argumentação se valerá de algumas passagens do escritor e pensador romeno, de expressão francesa, E. M. Cioran (1911–1995), em paralelo e aproximação com três gêneros clássicos da literatura japonesa — próximos um ao outro, pois fragmentários por natureza — a saber: o haikai, o haibun e o zuihitsu. Palavras-chave: Fragmento. Assombro. Hibridismo.

- Uma paisagem de leitura, com Maria Gabriela Llansol
Gabriela Cristina Carvalho (mediadora)

Proponho nesta pesquisa uma paisagem de leitura em companhia da escrita de Maria Gabriela Llansol. Aqui, a textualidade llansoliana será utilizada mais enquanto método, do que enquanto objeto de análise. Para isso, parto do princípio de que o gesto poético desenvolvido por Llansol é de uma escrita que se articula como movimento de encontros, desintegrações e reelaborações entre paisagem e o cultivo às diversas formas de vida. Assim, articulando os saberes dos estudos literários, botânicos e antropológicos, teço reflexões sobre cosmopoética, estar-no-mundo, metamorfoses, paisagem, relação humano e não-humano, poesia e (des)ordem do pensamento, sugerindo a análise da linguagem [como] (sobre)poesia, como sobreposição de mundos, ou seja, como zona de convergência entre o mundo-no- poema e o poema-no-mundo, como entrecruzamento de vozes que brotam para a concepção de novos devires. Neste lugar, onde pensamento, corpo e mundo ecoam e se replicam uns nos outros, é que se promove uma interconexão de elementos, de um trabalho com a palavra de modo a promover deslocamentos de sujeito, de uma não-hierarquia, sem separação demarcada entre humanos e não- humanos, o que não quer dizer livre de conflitos e contradições. Palavras-chave: Gesto poético. Paisagem. Metamorfose.

- Os espectros do corpo enquanto coisa: Um olhar sobre a obra *// Donc*, de Danielle Collobert
Marcio Fernando Rodrigues Campos (egresso)

Trabalhando com uma certa ambivalência sobre olhares como os dos autores Franz Kafka e Samuel Beckett, Danielle Collobert buscou traçar através de sua obra o que Gilles Deleuze tem por hábito chamar de "devir-coisa" e, para tanto, ela se utiliza do corpo e todos os seus fragmentos para tentar descrever o que, de fato, é abalado (quando não destruído) de fato pelas palavras. A presente comunicação tem por objetivo aprofundar alguns aspectos do "corpo" enquanto "coisa" na obra desta autora, que foi base de análise para o mestrado do autor desta comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura (PPGLit - UFSC) e defendida pelo mesmo em março deste ano. Palavras-chave: Corpo. Metáfora. Pasta. Discurso. Danielle Collobert.

Quinta-feira (12/12)

Mesa 11: 8h30-10h — Sala Machado de Assis (CCE, Bloco B)

- Reflexões sobre as construções simbólicas atuais no campo da performance e o fomentar de um pensamento latino-americano decolonial

Anna Carolina de Oliveira Campos

Diante da dificuldade em relacionar as novas produções simbólicas com o fomentar de um pensamento latino-americano que se distancie de um discurso plural e desconexo, este trabalho, fundamentado na perspectiva dos estudos culturais e literários, em adjunto com os estudos de performance, propõe que as práticas de performance sejam analisadas além dos limites tradicionais das artes cênicas e visuais. Para esse fim, foram analisados dois trabalhos distintos em sua configuração, mas convergentes em essência: a tradição dos Reinados e Congados, com base nos estudos de Leda Maria Martins, e a exposição Quipus Desaparecidos, da artista Cecilia Vicuña. A análise dos Reinados e Congados, à luz dos estudos de Leda Maria Martins revela um processo de transculturalização, no qual elementos católicos são ressignificados e africanizados, articulando um “falar-com”. Em contraste, os Quipus Desaparecidos de Cecilia Vicuña podem contribuir em construir com as imagens um discurso que supõem denominar uma arte, uma ausência, uma linguagem, mas ao mesmo tempo, caracterizando-se como um “falar-por”. Os dois trabalhos analisados exemplificam diferentes formas de se movimentar dentro dos estudos da performance, contribuindo em ampliar a compreensão das práticas performáticas além das fronteiras convencionais. Além disso, possibilitam uma reflexão sobre como as construções simbólicas têm se mobilizado politicamente dentro do campo dos estudos culturais e literários, de modo que essas produções busquem uma restituição teórica e crítica das literaturas silenciadas pela colonialidade, mas também uma ruptura com a mera reprodução estética. Palavras-chave: Performance. Pensamento latino-americano. Transculturalização.

- O poder da mulher afro-brasileira no Candomblé, em *Um defeito de cor* de Ana Maria Gonçalves

Coumba Diatta

Como uma cor poderia apresentar defeito? Um defeito de cor, expressão cativante que provavelmente despertou a curiosidade dos que pela primeira vez ouviu ou têm lido sobre ela. A tentativa de investigação de seu significado nos leva séculos atrás, numa época sombria da história da humanidade, quando séculos depois, a escritora mineira, Ana Maria Gonçalves, a usou para intitular seu "building" romance, *Um defeito de cor*, (2006) mergulhando leitores e leitoras em pleno período colonial brasileiro. O romance protagoniza uma mulher negra e é escrito a partir de um olhar feminino. Ele contextualiza o século XIX. Entre deslocamento geográfico brusco e forçado, socialização indo na dinâmica de imposição de outros códigos por um lado, e por outro, a busca pela sobrevivência, pela resistência para manter viva um conjunto de práticas culturais ancestrais da África que, reconstituídas no contexto diaspórico, assumem a expressão: religiões de matriz africana. Porém, por que precisamos falar dessa mulher negra, africana e escravizada? Como se desenha a trajetória que a leva às hierarquias mais elevadas dentro dos espaços religiosos do Candomblé? Como ela vai inventando estratégias para vencer a vida, para contornar as duras leis da modernidade, dentro de um contexto histórico que a desvalorize

enquanto pessoa e minimize seu saber? De que maneira entendemos suas lutas? Como se manifesta a religiosidade encarnada pela mulher negra em 'Um defeito de cor'? Na perspectiva de criar uma ponte entre a África e o Novo Mundo, o seu papel foi e continua sendo fundamental na reconstrução das identidades africanas. A particularidade do romance é de evidenciar que, para compreender o Brasil, é crucial entender a escravidão, inclusive a história especificamente do corpo feminino negro e suas formas de expressão.

Palavras-chave: Diáspora. Mulher. Religião.

- Ser o(u) não-ser: por uma hermenêutica decolonial à luz da literatura marginal ferreziana

Guilherme Diehl de Azevedo (mediador)

É inegável a importância das contribuições trazidas pela teoria hermenêutica, de matriz fenomenológica, ao pensamento contemporâneo. Esta teoria, de seu turno, deve tributos especialmente a Martin Heidegger, para quem, em síntese, a metafísica praticada até seu tempo implicou sempre no esquecimento da questão ontológica para si mais fundamental: o sentido do ser. A teoria heideggeriana culmina na proposta de que o ser é fenômeno, e a verdade um descobrimento, ou *aletheia*, sendo a linguagem o âmbito em que o vir a ser dos seres se dá. Para Heidegger, o sentido de ser permanece sempre oculto, podendo, todavia, ser anunciado pelas artes, especialmente as de cunho literário, haja vista serem, essas, produto da linguagem. O que ocorre é que para autores como Levinas, a hermenêutica heideggeriana acaba, ao fim, por incorrer na mesma visão limitada da realidade, enquanto compreensão do ente, em seu ser, a partir de uma totalidade, como feito em toda tradição metafísica que os antecedeu. Para Enrique Dussel, esta noção de totalidade advém, ainda, de elementos geopolíticos, servindo, em verdade, como legitimação epistemológica de dominação. Sendo assim, nossa hipótese é a de que, se em Heidegger a essência da arte é *poiesis*, enquanto “pôr-se em obra da verdade do ser”, e a literatura, enquanto arte da linguagem, é privilegiada, então a literatura marginal, cunhada por Ferréz, pode, e deve – face à irreducibilidade do outro, nos termos de Levinas – implicar em um (re)pôr-se em obra da verdade do não-ser colonial.

Mesa 12: 10h30-12h — Sala Machado de Assis (CCE, Bloco B)

- Herança, busca e encontro: a literatura e o eu postos em diálogo

Julia Rudek Machado

Indo ao encontro da temática proposta para o evento, o presente trabalho, fragmento de uma pesquisa de mestrado em andamento, se propõe a pensar as metamorfoses da dor e do luto a partir do romance *La resta* (2015), da escritora chilena Alia Trabucco Zerán. Sendo uma obra do pós-ditadura na América Latina, sua narrativa se constitui a partir de três jovens em busca da redenção do passado dos pais, percorrendo um caminho de buscas materiais, pelo corpo da mãe de um dos três protagonistas, e identitárias, no qual cada um tenta redescobrir-se enquanto sujeito, separado e independente, na medida do possível, de suas heranças políticas e familiares. Paralelamente, dando foco à memória e ao que nos é herdado, buscarei relacionar a busca pelo entendimento que encontramos no romance acima citado com o processo da pesquisa, um

caminho de encontro e afastamento do eu, de tentativas, erros e acertos. Não necessariamente com a memória do trauma, temática intrínseca à obra, mas com as heranças que nos fazem e nos fizeram escolher nossos objetos de pesquisa, bem como com os fatores que buscamos responder ao longo do percurso. Tendo como base o trajeto que percorri e ainda estou percorrendo – as metamorfoses próprias –, gostaria de discutir a pesquisa não somente enquanto metodologia e resultado, mas em seu elemento subjetivo e pessoal. Para tal, utilizarei de autores como Walter Benjamin, Catherine Malabou e Georges Didi-Huberman, propondo, com base em suas teorias, uma breve análise literária e discutindo, após, as temáticas acima explicitadas.

Palavras-chave: Encontro. Metamorfoses. Sujeito.

- **Várias imagens, inúmeros sentidos: “Ler o que jamais foi escrito”**

Ligia Maria Bremer (mediadora)

João Barrento, crítico e tradutor de Walter Benjamin, em seu livro *Limiares sobre Walter Benjamin* (2013) explica, usando palavras benjaminianas, que o futuro propícia que emerjam das imagens seus pormenores, possibilitando, como fala Hofmannsthal, “ler o que nunca foi escrito” (2013, p. 125). Partindo dessa discussão, a presente comunicação almeja compartilhar algumas reflexões realizadas durante a escrita da tese de doutorado. Nessa seção da pesquisa, busco ver os espaços inseridos na Oficina Brennand, localizada na região da Várzea, em Recife/PE, como um livro a céu aberto, passível de ser lido como atlas e/ou uma constelação, similarmente àqueles montados por Aby Warburg e Bertolt Brecht. As montagens e remontagens colocam sobre a mesa, ou sobre o espaço, imagens com sobrevivências impensadas. O atlas é um objeto anacrônico e heterogêneos, onde a imaginação é a montadora por excelência, desmonta a continuidade das coisas para melhor surgir as “afinidades eletivas” estruturais. A linguagem, nessa dinâmica, nunca é apenas aquilo que é comunicável, que está visível e fácil de decifrar, mas também é símbolo do não-comunicável. Ou seja, a leitura proposta do atlas, e mais especificamente do atlas brennandiano, é propiciar dialeticamente ler o antes de tudo e o depois de tudo, para então ler o que jamais foi escrito.

Palavras-chave: leitura; montagem; Atlas

- **A rememoração benjaminiana sobre o registro analógico familiar: potências de memória e identidade**

Marthina de Alexandri Baldwin

Este projeto de dissertação consiste na proposição de uma análise teórica das obras fílmicas *Elena* (Petra Costa, 2012) e *Aftersun* (Charlotte Wells, 2022), partindo de uma investigação voltada aos estudos precursores da ontologia da imagem cinematográfica, colocando as perspectivas de diferentes autores nas discussões acerca do filme e suas relações com conceitos como realidade, tempo e memória. Tendo como base duas obras cinematográficas que utilizam imagens analógicas familiares, sob o prisma das teorias descritas a seguir, a análise proposta intenciona pontuar potencialidades no que diz respeito aos efeitos de sentido destes materiais para o estatuto da memória na pós-modernidade. Nesse movimento, portanto, pretende-se colocar a imagem de arquivo familiar como ferramenta latente para reflexão do realizador e do próprio filme perante a memória e suas possibilidades de representação, bem como discutir que implicações essas noções têm para a identidade individual e coletiva. Tal análise partirá do pressuposto da angústia humana perante a passagem irrefreável do tempo, tomando como base os conceitos de “imagens-mortas”, de André Bazin, Maurice Merleau-Ponty e Roland Barthes,

“imagem-tempo”, de Gilles Deleuze, e “rememoração”, de Walter Benjamin, bem como as reflexões acerca de pós-memória, micronarrativas e espetáculos do passado propostas por Beatriz Sarlo, tendo como objetivo promover uma discussão que contribua para o debate sobre a memória no cinema e construção de noções de identidade na narratologia cinematográfica.
Palavras-chave: Tempo. Memória. Registro analógico

Mesa 13: 14h-15h30 — Sala Machado de Assis (CCE, Bloco B)

- Dona do próprio fazer poético: mulheres na poesia nacional

Ana Valéria Goulart dos Santos

Objetivamos, com este trabalho, analisar obras nacionais poéticas de autoria feminina focando nas produções que se deram nas primeiras décadas do século XXI, levando em consideração poetisas e obras predecessoras. Buscaremos entender como as produções moldam e ao mesmo tempo são moldadas por nossa sociedade, em seu tempo/publicação e refletir como as poéticas são construídas levando em consideração o cenário histórico em que foram escritas. Percebemos que esses hiatos de tempo que pretendemos analisar podem mostrar uma diferença no panorama social que impacta a produção dessas obras, mudanças ou constâncias que a poeta carrega consigo durante este percurso. Assim, poderemos compreender o quanto esse meio tempo serviu para ganhar direitos civis na esfera social e assegurar maior acessibilidade de mulheres em espaços que antes lhes podiam ser relegados, a exemplo da literatura, afetando, dessa forma, a própria produção literária. Essa historicidade de escritos serve para refletir em cima das questões da nossa sociedade, para celebrar o que já foi conquistado e para almejar novas libertações. Algumas das autoras que temos em nosso horizonte são, Aline Bei com Pequena coreografia do adeus (2021), Laura conceição, com "Poemas dos Porquês", inserido na coletânea Querem nos calar (2019), O poema "Eu-mulher" encontrado em Poemas da recordação e outros movimentos (2017) escrito em 2008 por Conceição Evaristo, o poema "Com licença poética", encontrado em Bagagem (1986), e "Entrevista" que compõe O coração disparado (1977), de autoria de Adélia Prado. Ainda estamos em busca de outros poemas que contemplem outros modos de mulheridades.

Palavras-chave: Autoria feminina. Poesia brasileira. Historiografia literária.

- O eu e os outros nas *Memórias de Koscianski*

Marceli Mengarda (mediadora)

Em 1936, Estanislau Koscianski narrou sua biografia para o professor Romão Wachowicz, num relato que abrange a vinda da Polônia para a colônia Lucena, no interior de Santa Catarina, e as andanças pelo planalto norte na época em que foi tropeiro. O texto, inicialmente escrito em polonês e vencedor em um concurso de memórias de imigrantes promovido em 1937, foi traduzido e publicado em português em 1971 nos Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa. Leonor Arfuch (2010) aborda as narrativas biográficas na cultura contemporânea ancorada na intertextualidade e no hibridismo, propondo o conceito de espaço biográfico e recuperando de Philippe Lejeune o de pacto autobiográfico. Esses conceitos, na leitura de Arfuch, não podem ser dissociados da ideia de intersubjetividade, de modo que em toda narrativa inserida no espaço biográfico o eu existe a partir dos tantos outros diferentes e exteriores a ele. É por isso, também,

que toda autobiografia fala também de uma comunidade e, ainda que o espaço biográfico com frequência trate de personagens grandiosos e modelos de uma época e um lugar, este conceito pode abarcar também o desvio e a errância, numa diversidade narrativa que incorpora a teoria bakhtiniana da hibridização e heterogeneidade dos gêneros discursivos. A leitura de todos os outros que aparecem nas Memórias de Koscianski pode colaborar para entender melhor como se narra esse imigrante polonês e, por extensão, como se entende essa comunidade em relação às outras etnias imigrantes que compartilhavam o mesmo espaço, como ucranianos e alemães, e em relação aos povos que já habitavam o Brasil anteriormente, como os indígenas e caboclos. Além disso, tão importante quanto o que é dito é aquilo de que não se fala, mas se depreende da historiografia da época – por exemplo, a Guerra do Contestado, que não é mencionada diretamente na biografia em nenhum momento.

Palavras-chave: Intersubjetividade. Imigração. Espaço biográfico.

- O sequestro do nome próprio: autoficção e performance no contexto latino-americano

Matheus Reiser Muller

Serge Doubrovsky cria o termo autoficção em 1977 a partir de uma provocação de Philippe Lejeune. O teórico do pacto autobiográfico havia identificado uma “casa vazia” dentro de seu estudo, o da coincidência onomástica entre narrador-autor-personagem dentro da ficção. A resposta de Doubrovsky, no livro *Fils*, vinha a preencher essa casa e abrir portões para uma série de novos autores desbravarem o que pode ser uma nova roupagem de uma prática antiga, a escrita de si. Mas como conformar a obra de autores como Ricardo Lísias, César Aira e Mario Bellatin, que a partir da coincidência onomástica abriram caminho para o meandro e a dubiedade dentro do campo apaziguado do eu na autoficção? E se formos mais a fundo na questão e investigarmos uma proto-história do gênero, percebemos um leniente afastamento da questão da escrita de si (que não a descarta, mas abre suas possibilidades). Autores que já nos anos 70, mas antes de Doubrovsky, como Kathy Acker, Lars Gustafsson ou Venedikt Erofeev, que já habitavam a “casa vazia” onomástica de Lejeune, nos ajudam a desonerar a biografia autoral de sua condição elucidativa. De lá para cá, muito se teorizou e foi estudado sobre o suposto novo gênero literário, mas a perspectiva ainda é predominantemente eurocêntrica, e, em nossa visão, não dá conta das problemáticas apresentadas. Com o intuito de repensar essa abordagem, revimos a produção de Diana Klinger, Graciela Ravetti e Luciene Azevedo para observar uma aproximação original proveniente do Cone Sul: com a Performance. Este trabalho tem o intuito de investigar essas relações e possíveis encontros.

Palavras-chave Autoficção. Performance. Escrita de si.

- A escrita de si nos romances *Rien ne s'oppose à la nuit*, de Delphine de Vigan, e *A manta do soldado*, de Lídia Jorge

Paola Scheifer

O presente trabalho tem por objetivo apresentar os desdobramentos da pesquisa que venho realizando no doutorado em torno das obras "Rien ne s'oppose à la nuit", da escritora francesa Delphine de Vigan, e "A manta do soldado", da escritora portuguesa Lídia Jorge. Em uma perspectiva de análise comparada, compreendendo as diferenças contextuais entre essas duas autoras, pretendo demonstrar como a escrita de si é operada nesses dois romances, na voz de duas mulheres que se constroem autoras em suas narrativas, revelando traços subjetivos por

meio das memórias evocadas. Alguns estudos de Michel Foucault que discutem a escrita de si e autoria possibilitam a construção dessas análises.

Mesa 14: 16h-17h30 — Sala Machado de Assis (CCE, Bloco B)

- O caso das narradoras não-humanas em *O som do rugido da onça*, de Micheliny Verunschck

Carolina Severo Figueiredo

Nesta comunicação busco compartilhar um recorte da minha dissertação a ser defendida no início de 2025, com o tema “Parentescos entre humanos e não-humanos na literatura latino-americana contemporânea”. O objetivo é fazer uma breve leitura das ocorrências de narradoras não-humanas no romance “O som do rugido da onça” (2021), de Micheliny Verunschck, especificamente dos capítulos XIV e XV da primeira parte, em que fala o Rio Isar, e de toda a terceira parte, em que o narrador do princípio do romance se confunde com as entidades Tipai uu, a Onça Grande e Uaara-Iñe-e, a Onça-Menina, em uma espécie de metamorfose gradual. As marcações de linguagem inspiradas em Guimarães Rosa, em especial no conto “Meu tio, o iauaretê” (1961) e no *nheengatu*, além do uso de uma construção sintática característica, são elementos distintivos deste último narrador. Já o Rio Isar, braço do Danúbio entre a Áustria e a Alemanha que se define como um “rio-fêmea”, utiliza um português bastante semelhante ao do narrador da primeira parte, sem grandes marcações. Sua característica, porém, é a de uma contadora de histórias secular que apresenta à personagem principal, Iñe-e, o passado do lugar onde ela está cativa. Ambas as narradoras não-humanas (Isar e as Onças) são personagens “intermináveis”, ou seja, operam no romance como narradoras-personagens oniscientes que transitam entre o passado e o futuro da história. A ideia da comunicação, portanto, é ler em que medida o uso destas narradoras não-humanas em diálogo com o narrador clássico, que também está ali presente, pode contribuir para causar um efeito de polifonia narrativa (Bakhtin, 2008) no romance. Palavras-chave: Literatura brasileira contemporânea. Narrador. Polifonia.

- Moradas nômades: uma carnação mais ilocável do espaço

Dennis Radunz (mediador)

O substantivo indígena não tem um correlato nas línguas de povos “indígenas”, observa a linguista mixe Yásnaya Aguilar Gil, um qualificativo que não adjetiva o próprio e o impróprio de povos originários como o Laklanõ / Xokleng, o Kaingang e o Guarani, em suas parciaisidades Kaiowa, Nandeva, Ava e Mbya. No mundo físico jurisdicionado da América, “território fictício da modernidade”, os povos Guarani decidiram – nos termos da antropóloga Maria Inês Ladeira – “sobreviver, sem alarde, quase clandestinos nos entrecos não atingidos pela transformação, transfiguração ou desordem do ocidente”. Nesse ilocável, a categoria espaço se abre para outras carnações de espacialidade física e extrafísica. No ambiente da América Platina, em particular, o ciclo de poemas “Moradas nômades”, do livro *Roça barroca* de Josely Vianna Baptista – em que a mitologia ancestral é presentificada em sua dura pervivência nos campos de monocultura do oeste paranaense – encontra, nessa leitura, um mito de origem hídrica registrado pela história oral dos Laklanõ e uma obra do Coletivo Kókir, instalação de arte Kaingang contemporânea. Povos originários no mundo físico jurisdicionado de Santa Catarina, Laklanõ, Kaingang e

Guarani reabrem o território em favor do multilocalismo e reapresentam problemas de pesquisa nos campos da memória, tradução, cartografia, geopolítica e geopoética.

Palavras-chave: Geopoética. Josely Vianna Baptista. Povos originários de Santa Catarina.

- A questão do território no conto *E nos deram a terra*, de Juan Rulfo, e no filme *Apenas o Sol*, de Arami Ullón

Francielli Cristina Campiolo

A partir do conto *E nos deram a terra*, do escritor mexicano Juan Rulfo, e do filme *Apenas o sol*, da cineasta paraguaia Arami Ullón, objetiva-se identificar semelhanças nas questões referentes à terra, que deixam à margem as populações campestres, no México, e as indígenas, no Paraguai. Ambos colocam em evidência os problemas decorrentes da divisão do território pelo Estado na tentativa de amenizar as desigualdades sociais e econômicas de grupos excluídos. A análise comparativa tem respaldo nos estudos sobre anti-colonialismo, de pensadores como Silvia Rivera Cusicanqui, Carlos Pereda e Pablo González Casanova, e também de Ailton Krenak. O conto de Juan Rulfo aqui analisado é o primeiro do seu livro *Chão em Chamas* (1950), escrito entre os anos de 1930 e 1940. A temática principal do autor está relacionada ao sofrido campestre de Jalisco, o qual teve contato durante a infância e, mais tarde, quando trabalhou no Instituto Nacional Indigenista. No filme *Apenas o Sol*, lançado em 2020, Ullón acompanha a vida do documentarista indígena Mateo Sobode Chiqueno, da etnia Ayoreo, que vive na comunidade de Campo Loro, na região do Chaco (Norte do Paraguai). O filme perpassa a perspectiva de vida deste povo, as atuais condições em que vivem e a nostalgia do que poderia ter sido. O título faz referência à ideia de que somente o sol não foi tomado pelos brancos. Ao menos cinco décadas separam uma produção artística da outra, mas muito mais as une. Por isso, interessa pensar em uma análise conjunta para elucidar as condições históricas e sociais que fazem parte da complexa questão agrária, da qual os países da América Latina lidam, forçosamente, desde a chegada dos invasores europeus.

- Escrituras e Veredas em Guimarães Rosa e Maureen Bissiliat

Laiára Laurentino Barbosa

A manifestação do indizível por meio da sombra das Veredas. Sensoriais, pois fluem como o Rio. A experiência e a vivência tornam-se cenas...a escritura como um registro, como um rastro, como um vestígio. A escrita verbal e a escrita da luz. A obra de Guimarães Rosa “Grande sertão: Veredas” - publicada no ano de 1956 - é atravessada de forma temporal (atemporal) por meio da obra de Maureen Bisilliat “A João Guimarães Rosa” - publicada no ano de 1977 -, onde se estabelece um diálogo que viaja no limiar entre tempos, perpetuando o ato da escritura (seja ela verbal ou não verbal) como gesto. Essa comunicação entre as linguagens proporciona a ampliação daquilo que se apreende através das entrelinhas; do não dito, do implícito, de forma equivalente, visto que ao mesmo tempo que dialogam imagem e palavra, criam-se perspectivas pluriversais dentro de cada um desses domínios. Assim sendo, na conversa mútua entre literatura e fotografia a partir das duas obras citadas, vive a possibilidade não só de transitar entre as margens do Rio - de Riobaldo -, mas de olhar para uma terceira margem desse mesmo Rio que habita o sertão (SER-tão): profundo, desconhecido, que existe, que sobrevive.

Palavras-chave: Grande sertão: veredas. Literatura. Fotografia. Escritura. Gesto.

Conferência: 17h30-20h — Sala Machado de Assis (CCE, Bloco B)

- Uma reforma para as humanidades

Eduardo Subirats

Eduardo Subirats é professor da Universidade de Nova York (NYU) e um filósofo itinerante. Estudou em Paris e Berlim durante a década de 1970. Além do vínculo com a NYU, tem lecionado em diversos lugares, como Madri, São Paulo, Caracas, México, Cali e Princeton. Autor de vários livros sobre estética e crítica artística, teoria crítica da sociedade e crítica do colonialismo, entre os quais destacam-se: *El continente vacío* (1994; 2011; 2020); *Linterna mágica* (1997); *Memoria y exilio* (2003; 2016); *Deconstrucciones hispánicas* (2014); *La recuperación de la memoria* (2016); *Crisis y Crítica* (2019). Em português, publicou também os volumes *Da Vanguarda ao Pós-moderno* (1984); *A flor e o cristal* (1988); *Existência sitiada* (2010), entre diversos outros.

Sexta-feira (13/12)

Mesa 15: 8h30-10h — Sala Machado de Assis (CCE, Bloco B)

- Narrativas de coexistência e discursos de intimidade em *Missa do galo*, Machado de Assis: a arte literária enquanto experiências humanas ao invés do nada

Daniel da Silva Miranda

Este conciso estudo propõe-se a suscitar algumas provocações a partir das narrativas literárias presentes no conto, *Missa do Galo*, de Machado de Assis (1994). A hipótese crucial que orientou essa investigação analítica é de que a força dos termos, das proposições ali descritas, ainda que eles demonstrem a todo momento em que palavras, por mais que os conceitos intentem encerrar o sentido em seu território, algo lhes escapa mais além do fluxo narrativo os quais eles mesmos estão inseridos. Isso é o que emerge, a partir da figura do narrador no conto machadiano, marcado especialmente na personagem Conceição, que os conceitos, sejam eles formulados por Husserl (1973), para quem se trataria de um sono da consciência reflexiva; ou Benveniste (1976), para quem esse indefinido é o humano mais além do semântico. Ambos autores não conseguem capturar a singularidade das experiências narradas. A saber, percebeu-se que Marcos Müller (2023) em *Discursos, narrativas e outridades*, chama de outridades a esse incômodo equilíbrio que Machado de Assis atribuiu a simpatia de Conceição. Em que, tal singularidade, não está estabilizada nas conexões e/ou diferenciações semióticas que podemos a todo momento reproduzir ou dizer por outros meios. Formulou-se a hipótese nessa pesquisa de que a tessitura está na borda, na extremidade do conto, como algo que não podemos estar seguros de ter compreendido, pois se trata de um indefinido “entre” os enunciados no texto. Palavras-chave: Machado de Assis. *Missa do galo*. Narrativas.

- A pesquisa interdisciplinar em diálogo com: *Uma outra ciência é possível*, Isabelle Stengers, e *O ato de criação*, Deleuze

Fernanda Amâncio Soares da Silva

Em *Uma outra ciência possível*, Isabelle Stengers afirma que as iniciativas interdisciplinares isoladas em suas fronteiras não bastam, é necessário “aceitar o experimento do encontro em torno de uma situação que lhes concerne.” A questão de interesse desta pesquisa interdisciplinar, a medicina buscando um diálogo com a literatura, é a narrativa. É na zona fronteira entre a prática da medicina e da narratividade que esta pesquisa busca se desenvolver. Para que uma outra ciência seja possível, é preciso questionar o sentido do que está dado, do que é privilegiado e do que é desprezado. A ciência médica despreza as narrativas, negligencia as particularidades e fixa seu objeto na doença, tomando a posição de um observador neutro e ignorando os efeitos de sua presença. A ciência médica se aproxima da mecanicidade da técnica, se afasta da função criadora da arte. Em *O ato de criação*, Deleuze aproxima a ciência da arte através da atividade criadora que se dá num espaço-tempo que é, a princípio, lacunar e desconexo. A conexão fronteira entre a medicina e a literatura que a atividade criadora dessa pesquisa busca desenvolver.

Palavras-chave: Interdisciplinar. Narrativa. Medicina narrativa. Literatura.

- Dificuldades na definição do objeto de estudo dos Estudos Literários

Igor da Silva Livramento

A pesquisa em literatura enfrenta uma questão persistente: qual é o objeto específico de estudo dos Estudos Literários? Diferentemente de outros campos do saber, como as ciências da natureza, a filosofia, ou a história, que se articulam em torno de pressupostos de verdade ou factualidade, a literatura não se propõe a revelar verdades nem a oferecer conhecimento instrumental. Por isso, torna-se indispensável investigar que tipo de saber o texto literário mobiliza e como esse saber se configura enquanto saber legítimo e específico de um campo de estudos. A afirmação da existência do literário como objeto de estudo implica a irreducibilidade dos Estudos Literários às disciplinas adjacentes que frequentemente lhe atravessam, como a história literária, a sociologia da recepção, a psicologia da autoria ou a estilística. Ainda assim, permanece evidente que há uma forma de conhecimento próprio à literatura, mesmo que essa resista a delimitações precisas. Como abordar, então, um campo que se constitui não pela fixação de um objeto estático, mas pela constante problematização da sua própria existência? Esta apresentação propõe uma reflexão sobre a natureza dessa dificuldade, situando-a no cerne da prática crítica. Sem buscar respostas definitivas, busca delinear o problema com clareza e rigor, reafirmando sua relevância para a continuidade dos estudos literários como campo de investigação único e insubstituível.

Palavras-chave: Teoria literária. Teoria do conhecimento. Estudos literários.

- Performance e poesia: Rupi Kaur e a Instapoesia no Brasil

Luiz Henrique dos Santos Cordeiro (mediador)

Ao pensarmos nas produções poéticas atuais, é comum nos depararmos com produções realizadas nas redes sociais, principalmente no Instagram, rede virtual de compartilhamento de fotos e textos entre os usuários ao redor do mundo. Esse reconhecimento se dá, inicialmente, pela

imediatez em que as publicações e recepções acontecem nas redes sociais virtuais, e, em um segundo momento, pelo compartilhamento e reprodução do material publicado. É nesse ambiente que Rupi Kaur, a partir de 2014, escreve seus instapoemas, abordando temas sobre a vida cotidiana urbana além de suas percepções sócio-culturais sobre sua origem indiana e o país de vivência, os Estados Unidos. Recebe foco ao considerar, entre outros tópicos, aspectos pertinentes ao universo feminino, ainda que de forma inusitada, já que combina o uso de imagens, fotografias e/ou desenhos com a escrita poética, demonstrando a liricidade de suas obras de forma híbrida. Inicia a publicação em seu feed, seguidamente pela de forma física, além de realizar a leitura oralizada de suas produções para um público real, ou seja, que está presencialmente em suas palestras e apresentações. Este conjunto de situações e intermediações, configura o ambiente das instapoemas em um entre-lugar performático-midiático. Desse modo, a pesquisa que está em desenvolvimento busca comprovar se a interpretação dos poemas de Kaur, e de outros escritores brasileiros, pode ser vista como uma forma diferenciada de poesia, destacando seus caracteres político, dialógico e artístico em meio ao contexto virtual. Além disso, busca-se estabelecer um diálogo comparativo entre as diferentes produções, de modo a identificar se as escritas de Instapoema conseguem propor uma nova forma de produção de poesia no Brasil. Nesse sentido, cogita-se confirmar quais são os aspectos literários e extraliterários que são elencados para demarcar, tanto essa nova forma de produção poética quanto para determinar em que medida o autor instapoeta é valorizado e identificado na contemporaneidade.

Palavras-chave: Rupi Kaur. Instapoeta. Performance.

Mesa 16: 10h30-12h — Sala Machado de Assis (CCE, Bloco B)

• Vozes em trânsito: narrativas de mulheres migrantes no Brasil

Fabiana Pereira de Assis

Este trabalho propõe uma reflexão sobre as narrativas de mulheres migrantes em situação de refúgio na América Latina, com foco principal no Brasil. Pensando como essas narrativas podem ser lidas como literatura e ainda como elas influenciam e se configuram como Literatura contemporânea. Para isso, são analisados diferentes relatos, como o Diário de Francis Irina Salazar, refugiada venezuelana que documentou sua jornada de deslocamento, de sua cidade natal Pariaguán, na Venezuela, até São Paulo, Brasil, em um diário encomendado e publicado pelo jornal Folha de São Paulo. Também serão examinados os relatos de Natalia Moroz e Mahboba Rezayi, respectivamente uma refugiada ucraniana e outra afegã, que, fugindo dos conflitos da guerra entre Ucrânia e Rússia e da volta do regime Talibã ao poder, escolheram o Brasil como país para recomeçar. O referencial teórico inclui Philippe Lejeune (2014), cujas análises serão aplicadas ao Diário de Francis Salazar. Para os relatos de Rezayi e Moroz, será utilizada a obra de Diana Klinger (2015), que reflete sobre como experiências de migração e refúgio podem ser escutadas e interpretadas por meio da literatura. No que concerne às discussões sobre uma literatura de migração enquanto literatura contemporânea, o trabalho dialogará com as ideias de Julia Kristeva (1994). Trata-se uma pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Literatura. Migração. Mulher.

- **Parteiras Tradicionais em Santa Catarina: entre a marginalização e a resistência da tradição oral**

Julia Dias Lopes

A presente comunicação objetiva apresentar o projeto de dissertação de mestrado “Parteiras Tradicionais em Santa Catarina: entre a marginalização e a resistência da tradição oral”, submetido para o Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), para a linha de pesquisa Subjetividade, Memória e História, sob orientação da Prof. Dra. Susan de Oliveira. Explorando os apontamentos teóricos de Shiva (2003), Federici (2021), Sarlo (2007), Quijano (2005), Tsunechiro (2011), Rama (2010), entre outros, o projeto investiga o processo de marginalização das Parteiras Tradicionais no Brasil, assim como as ferramentas e movimentos de resistência articulados pelas parteiras atualmente, com enfoque em Santa Catarina. Sendo a linha metodológica adotada pelas Parteiras Tradicionais a transmissão oral dos saberes, tal tradição pretende ser mantida, sendo as vozes delas as principais fontes desta pesquisa; adotando como metodologia principal a História Oral, estão sendo realizadas entrevistas com parteiras atuantes do estado para corroborar com a investigação. Explorando a História como uma narrativa ficcionalizada a fim de garantir um ideal de Nação, focalizando no papel fundamental da palavra escrita na desvalorização das culturas e saberes de povos colonizados e subjugados, problematiza-se a figura de parteira criada pela narrativa hegemônica: anciã, bruxa, aposentada, ultrapassada. Ao discorrer sobre o apagamento das subjetividades contemporâneas, pretende-se refletir sobre as práticas discursivas e sociais que invisibilizam a Parteira Tradicional, colocando-a como figura folclórica do passado, sob o peso significativo da escritura e do academicismo na valorização da medicina hegemônica masculinista, que controla e ameaça a saúde reprodutiva das mulheres.

Palavras-chave: Parteira. Oralidade. Tradição.

- **De Marta à Martha: escolhas na pesquisa de um romance em folhetim do século XIX**

Luiza Machado dos Reis

Meu projeto de pesquisa foi por mim intitulado como "MARTA MÃE E MARTA FILHA: Experiências de maternidade em Memórias de Marta, de Júlia Lopes de Almeida." Elaborado em 2023, pretendia analisar, problematizar e explorar a relação entre as duas personagens Marta - mãe e filha - no romance Memórias de Marta da escritora brasileira Júlia Lopes de Almeida (1862-1934). Na trajetória em que me insiro desde então, entre pesquisas para as disciplinas cursadas e desenvolvimento do projeto, a primeira mudança vem no título e escolhas metodológicas - minhas Marthas voltam a ter H e eu volto meu olhar para a versão original do romance, publicada em capítulos no Jornal Tribuna Liberal do Rio de Janeiro entre 1888 e 1889. Essa pequena mudança impacta profundamente quem se dedica a pesquisar na Hemeroteca Digital. Minha decisão também vem acompanhada da leitura do estado da arte do romance, que se baseou, quase completamente, na versão em livro de 2007, publicada pela Editora Mulheres, e, portanto, ignorando alguns elementos que considero essenciais na narrativa e se relacionam diretamente com a estrutura dos folhetins. Para além disso, pretendo apresentar, nesta comunicação, o aprofundamento que tenho feito da grandiosa obra de Júlia Lopes de Almeida e como considero inadmissível a sua exclusão na historiografia literária brasileira, que se perpetua nos espaços acadêmicos e escolares.

- Escrever entre uma receita e outra

Mariana Vogt Michaelsen (mediadora)

Parto do movimento de minha bisavó, de minha avó e das mulheres ao redor que trocaram receitas culinárias e, assim, inscreveram saberes subjetivos, mas também coletivos, nos exemplares do livro de receitas *Quitutes da D.a Carolina Porciúncula: arte culinária*, de Carolina Marcondes Porciúncula, minha bisavó. A página em branco, abertura para novos saberes, é preenchida com manuscritos. O livro de receitas publicado torna-se também um caderno de receitas, íntimo espaço da escrita de si. Lygia Fagundes Telles (2010) reconhece nesse gesto de escrita, no caderno do dia a dia, as primeiras investidas das mulheres na carreira de letras. Entre uma receita e outra, elas escreveram poemas, segredos ou mesmo as contas da casa. Escritoras contemporâneas, como Nina Rizzi (2022) em seu *Caderno-goiabada*, Cristiane Lisbôa (2006) no romance *Papel manteiga para embrulhar segredos: cartas culinárias*, Laura Esquivel (1989) no romance *Como água para chocolate* e Ivana Arruda Leite (2002) no conto *Receita para comer o homem amado*, fazem das receitas culinárias dispositivos de escrita. Elas retomam os modos de fazer e tornam ficção: também escrevem entre uma receita e outra. A cozinha, assim, é o espaço de saberes, sabores e segredos. Afinal, saber e sabor têm a mesma etimologia (Barthes, 2013) e, no caso das receitas culinárias, essa proximidade pode ser sentida no paladar ou lida nas páginas amareladas pelo tempo, pelos ovos e pelas mãos que cozinham.

Palavras-chave: Escritura. Escrita de si. Receitas culinárias.



Comissão Organizadora: Carolina Severo Figueiredo / Clara Padiá Lucas / Dennis Lauro Radünz / Emmanuele Amaral Santos / Felipe Moreno Costa / Gabriela Cristina Carvalho Gonçalves dos Santos / Guilherme Diehl de Azevedo / Laura Danielly de Souza Couto / Marcell Mengarda / Nycole De Souza Mattoso / Patrícia Galelli / Sérgio Leite Barboza / Thais Artigas Dos Santos

Comissão Científica: André Ferreira Gomes de Carvalho / André Cechinel / Artur de Vargas Giorgi / Marina dos Santos Ferreira / Moysés da Fontoura Pinto Neto / Tiago Guilherme Pinheiro